

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 9 de Fevereiro-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de C

ença Sr.



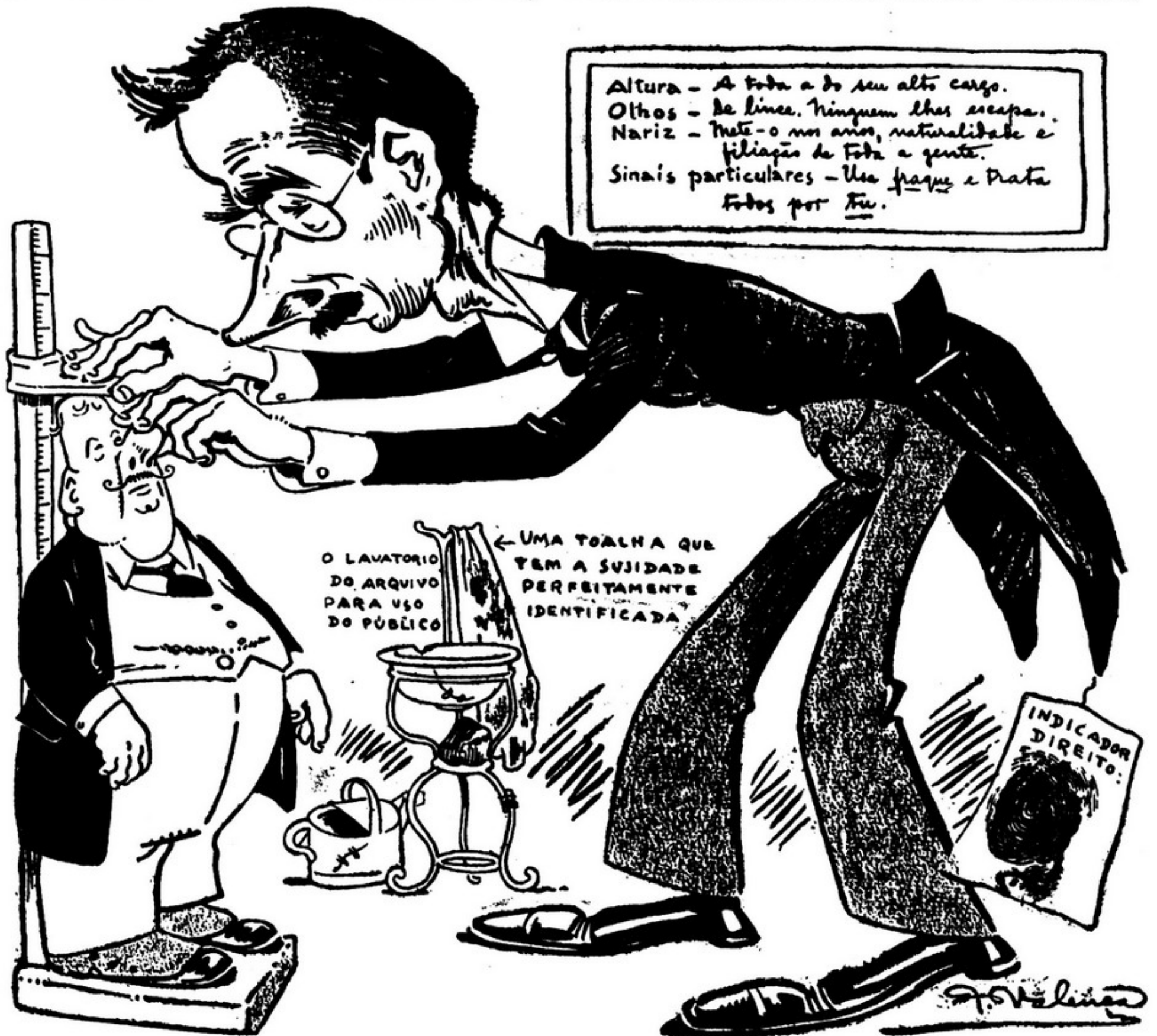
sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O dr. Valadares, identificador-mór



Altura - A toda a do seu alto cargo.
Olhos - De linca. Ninguém lhes escapa.
Nariz - Mete-o nos anos, naturalidade e
filição de toda a gente.
Sinais particulares - Usa fraque e trata
Fotos por fixe.

← UMA TOALHA QUE
TEM A SUJIDADE
PERFEITAMENTE
IDENTIFICADA

O LAVATORIO
DO ARQUIVO
PARA USO
DO PÚBLICO

S. Ex.ª, para tirar a limpo a identidade do cidadão, suja-lhe um dedo pela modica quantia de 5 escudos e descreve-o em trez linguas sem mestre. Como prova de simpatia, fica-lhe com o retrato e, para não melindrar ninguém, mede todos pela mesma craveira. Tudo isto sem dór, em menos de 5 minutos e valido por 5 anos!



Os ditos da semana



O chá dos artistas

Caiu um pano de *sandwichs* e pasteis sobre o ultimo acto da Semana dos Artistas. Tinha de ser. Quando mais uma duzia de portugueses se juntam para qualquer coisa, é inevitavel abancarem a roda de uma meza para comer e acabam quasi sempre por mandar um telegrama de saudação a alguém. Desta vez, no chá do Estoril, falhou o telegrama, porque a D. Adelina Abranches estava presente, e só ella podia ser, como foi, a homenageada.

Aquilo foi mais do que um chá, foi um chá e um *Charleston*. Alfredo Pinto, desmentindo o seu apelido, fez as honras da casa, não como um franganote, mas como um galo autentico, com esporões e tudo.

Dançou-se para fazer appetite e dançou-se para fazer a digestão.

Dançaram novos e velhos, ao som dum *jazz-band* que tocava quasi no céu, musicas celestiais acompanhadas por um harmonium todo pinlado de ripolin branco, como se fôsse um instrumento para ser tocado numa casa de banho.

Dançou a Adelina Abranches, o Nascimento, o Erico, o Amarante, o Carlos Leal e toda a raparigada nova que não tinha pernas a medir para as valsas, tantos eram os pretendentes—às valsas, bem entendido.

Quando Alexandre de Azevedo foi buscar a Auzenda, logo as más linguas segredaram:

—Temos nova empreza de actores.

Cristovam Aires bateu o *record* da variedade. Dançou com as grandes e com as pequenas, com verdadeira independencia critica.

O Manzoni administrou tão bem as pernas no tango que ia pondo de tanga os assinantes do chá, mas quem aumentou a tiragem... dos bolos, foi o Benoliel.

Fizeram sensação o alfaiate do Carlos Leal, representado por um jaquetão e uma calça de fantasia, e o *maillot* branco de Maria Cristina; fazendo crescer agua na boca amuita gente.

O general Domingues não dançou, mas comandou muito bem a sua meza em parada.

Benoliel, fiel às tradições da sua raça, tirava fotografias. Sempre era tirar. Não consta que desse retratos a ninguém. Sempre era dar.

Emfim, festa rija, recompensa justa de uma semana de trabalho exaustivo sempre com a mesma *deixa*:

—Compra-me este chapéu?

—Compra-me este repolho?

—Compra-me este par de brincos?

Uma semana a vender ao balcão!...

Esforço sobrehumano que exigia uma semana de chá e uma semana de *charleston*...

Mulheres que fumam

O vicio, quasi o crime de outros tempos, é a moda de hoje em dia.

Já lá vai o tempo em que, até para os homens, era grave crime fumar. Os filhos não fumavam nunca diante

dos pais, mas fumavam os pais diante dos filhos, como a dar a entender á juventude que só as pessoas de idade podem fazer *asneiras*.

Hoje fuma toda a gente. Fumam até as mulheres. E' moda, é chic, é do bom tom.

Os velhos, agarrados a velhas formulas, a velhos preconceitos, não se conformam, mas as mulheres que lhes pertencem vão fumando às claras ou às escondidas.

Para que se torne mais notado o vicio, espetam os *Abdulas* na ponta das boquilhas de metro e meio e gosam lubricamente o prazer de chupar o fumo, na illusão de que o fumo, como os homens, é que vai ter com ellas.

Ha matronas, pingando toucinho e farripas de cabelos compridos, que não podem evitar um gesto de repulsa,

de indignação, quando vêem um cigarro fumegante entre uns dedos femininos.

E' afinal o cigarro das mulheres é uma das grandes conquistas do seculo. E' o traço de união entre o homem e a mulher. O cigarro tem evitado muita desgraça conjugal. A mulher que fuma não se enjoa com o cheiro do fumo do marido. Não sente repulsa. não sente nojo. não se agonia. O beijo de duas bocas que se beijam tem sempre uma afinidade—o sabor da nicotina.

Os homens devem sempre exigir às mulheres que fumem. E' uma defeza.

E' depois, quando a gente não fuma, não ha que estranhar que a nossa mulher entre em casa cheirando a fumo.

Gualdino Gomes

Novo director da Biblioteca



Se é o mais idoso dos ultimos directores, é, pelo espirito moço, o mais rapaz de todos eles. *Sempre Fixe* abraça-o efusivamente, desejando que a pagina que lhe diz respeito no *Livro do Destino* ostente a mais linda das iluminuras agora confiadas á sua guarda.

A Varsity Drag

A Varsity Drag! Duas palavras exquisitas que trazem preocupadas as cabeças de todas as mulheres do mundo.

Estas palavras misteriosas, que mais parecem o nome de uma especialidade farmaceutica, são, nada mais nada menos, do que uma dança da ultima moda, a dança da ultima moda.

A Varsity Drag, é uma mistura, é uma sopa Juliana de todas as danças, partilhando igualmente do *Charleston* e do *Black-Botton*, e de todos os desengonçamentos dos batusques dos pretos de Angola e Moçambique.

Quando duas senhoras da nossa sociedade dançarem a Varsity Drag, estarão absolutamente identificadas com as pretas da Guiné: os mesmos saltos, os mesmos pinchos, os mesmos rodopios. Uma diferença apenas se notará: a da cor, porque nem pela *toilette* será possível distinguil-as. A tanga dumas será de pano cru e a de outras de *Voile Ninon*, mas, no fundo, a mesma tanga reduzida, para deixar livres todos os movimentos das pernas.

A nova dança vai revolucionar o mundo, e fazer sentir a sua influencia nas chancelarias e até, talvez, na Sociedade das Nações. Os destinos do mundo, os grandes problemas da humanidade estarão ligados e dependentes dum pé de dança.

E' facil prevêr o futuro dos povos jungidos a uma dança que faz andar as cabeças á roda.

«A MOURARIA»

representada por alguns jornalistas

Vooelencias vão vêr o que seria a opereta Mouraria, representada por jornalistas e algumas senhoras:

DISTRIBUIÇÃO

Cesaria — Brito Camacho
Mota da Guitarra — Aprigio Mafra.

Artur Estofador — Artur Inês.
D. Agostinho Ribas — Felix Correia.

Conde das Ameias — Machado Correia.

Luis Bonito — Alvaro Maia.
José Manoel — Manoel Nunes.
Caró-Chinha — Mario Quintela.
Máilde — Sofia Gallini.
Morgada — Virginia Quaresma.
Manoela — Judite Teixeira.
Taberneiro — Ivo Monforte.

Contra-regra — Albino Lapa.

Ponto — Baptista Denis.

Ensaíador — Antonio Ferro.

Efeitos de luz de Mario Domingues.

Cabeleiras de Rogerio Perez.

I ACTO

(Dá as pancadas alle mulheres o Leopoldo Nunes. Na scena, jornalistas fidalgos de todas as especies).

O Conde das Ameias:

— Senhores! Senhoras!

Que grande surpresa

— Outra melhor já não acho —

E' mostrar-vos na Cesaria

o dr. Brito Camacho.

Ides vê-la! Ides ouvi-la!

Tem na voz uns tais encantos

— outra melhor eu não vejo! —

que do Douro ao Além-Tojo
andam muitos—quantos! quantos!—
danados por possuí-la!

D. Agostinho para o José Manoel:

—Oh! Compadre! Se calhar o agajo está a enganar a gente... E' como o Caicão...

(Entram o Mota e o Artur Estofador).

O Artur:

—Ora bibam abozenciado.

O Mota:

—A boda ou a baptisado não vás sem ser convidado...

Artur:

—Isso diz o «Rifão».

Mota:

—Não! diz o Garrafão...

(O conde das Ameias vai ao fundo buscar a Cesaria).

Cesaria canta:

Aquele a quem dei a vida
Depois duma grande luta,
Hoje chama-me perdida
E comigo só disputa.

E' por isso que eu agora
Canto o fado choradinho
E boto minha piada
engraçada,
no Noticias graúdinho!

—Ah!

(Todos riem).

Ah! Ah! Ah!

Cesaria, continuando:

Foi um frasco venenoso

Do melhor

E vaporoso

«Que perversa me tornou»

Não faço o que me fizeram,

Inda lhes faço pior,

—Pois se máguas só me deram,

Arrelias ou lhes dou.

(Umás piadas, uns ditos e todos sióm para voltar pouco depois. Ao notar que a Cesaria usa bigode, exclamam todos á uma):

—Oh! Oh!

A Cesaria:

—Porque se riem?!

(Canta).

Não riem do meu bigode,

bigode tom muita gente!

Muita gente tem bigode,

Tem bigode muita gente!

—Julguei poder ter bigode sem ser troçado...

O Mota:

—Mas que coisa mais ratona.

Cesaria:

—Senhores! dai-lhe taponal!

(Prepara-se tudo para sair, mas surge indignado o Belo Redondo).

—Daqui não sao n'nguém!

Vozes:

—Que foi que aconteceu?!

Belo Redondo:

—Tinha uma «caixa» para o Noticias... Desapareceu!

Todos:

—Oh!

Se calhar foi o Negrão!

Belo Redondo:

—«Ladrão»!

Um criado:

—Será esta?

Redondo:

—E'. Mas já está afurada...

II ACTO

(A Cesaria anda a fugir da Censura. Na scena, o Mota e o Artur Estofador).

Mota para Artur:

—Eh! Artur! Ah! veem o Luis Bonito e o Caró Chinha.

Artur:

—Como o Luis vem bonito!...

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8000

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º. D.-Lisboa



O cego: — Ainda não tens nada?
A criança: — Então o pai «não vê» que não tem passado ninguém!...

Mota:

—Puderal! So ele navega na Voga...

(Caró Chinha e Luis Bonito entram).

Caró Chinha para o Mota:

—Viva, seu cara laroca.

O Mota:

—Tenha mais respeito. Olhe que eu cá sou da direcção...

O Luis Bonito:

—Mas eu tenho o direito...

O Mota:

—Não, senhor. Não tem...

(Vem a scena do baile e apparecem a Cesaria e o José Manoel).

Cesaria:

—Luis Bonito: queres dançar?

José Manoel canta:

Não ha nada que valha

uma boa eloção,

'stou contente e alegre,

perthoço á direcção!

Ah! Ah! Ah!

Coro:

Oh! Oh! Oh!

III ACTO

(O taberneiro serve a freguecia com grandes cautelas).

O Mota:

—Eh! Pazes! Isto não é vinho: é iinho... e mau.

O taberneiro:

—Vá lá de piadas. Já marquei o meu lugar...

(Entram entretanto o Sebastião Cardoso e José Manoel).

A Cesaria ao vê-lo:

—Luis Bonito: Dá cá um beijo para aafinaro a Voz. (Canta):

A limpeza nesta vida

Já não nos serve de nada!

Ha gente que suja e limpa

E nunca fica limpada...

«Ninguem foge á sorte vária»

«Das alfurjas ou da viela».

Eu nasci no Além-Tojo,

Não conheço o Alviela...

«Numa mentira de amor»

«Não ha ninguem que caia»;

Gosto do Pinto e do Mira.

—Muito mais do Alvaro Maia.

(Este verso é torcido, mas é assim mesmo).

O José Manoel, zangado, atirando com o livro das actas para o chão:

—Então não querem lá vêr! O Leopoldo não ia «furando» o Arnes-to! (Fica pensativo).

Nisto, sae o pano para fóra... e cae em cima de mim.

Luis Figueira.



—Que persa o senhor da paz do mundo?
—Que, enquanto houver sogras, não se pode pensar nisse...



—Onde arranjaste tantos charutos?
—E' que hoje é o primeiro do ano e dão um charuto em todas as tabacarias.

Olé!...

Se eu arranjo um dia a estilha que quero — que reinação! — não faltarei a Sevilha, p'lo tempo da exposição.

Vou e venho, chego e parto, p'lo comboio e pelo ar. E, num vai-vem, não me farto das visinhas admirar.

Lá irei, da estrada nova 'sprimentar a sensação; tão lisa, sem uma cova, como a palmilha da mão...

E por fim, qual doidivana amorudo, em bolo feito, morrer co'uma *sevilhana* espetada no meu peito...

Não julguem que é fantasia, nesta idade, ter tal sorte... Que em Portugal, hoje em dia, já temos toiros de morte...

Ripóré.

O crescimento da imprensa



1728 — uma pagina.
1828 — duas paginas.
1928 — vinte e quatro paginas.
2028 — mil paginas.

DA GERAL

No cemiterio do Teatro Variedades enterrou-se ha dias o conhecido *Bombo de Festa*. No funeral, que foi bastante concorrido, incorporaram-se diversas individualidades em destaque no meio teatral. Os organizadores do cortejo funebre foram gentilissimos para com os representantes da Imprensa, em especial o *Sempre Fixe* e a Dona Sofia Galini, que avanharam dois *fautuils* de orquestra na 1.ª fila.

O *cadaver* foi enterrado com toda a solenidade, ouvindo-se perfeitamente ao longe as salvas... de pateada. Paz á sua alma. Amen.

Rocix.

A mulher moderna



—Tenho o prazer de lhe apresentar minha mulher.

Curso de automobilismo

O incremento que a locomoção mecanica está tomando entre nós levamos a criar nas nossas colunas uma secção dessa sciencia, onde trataremos o assunto com a maior eficiência, debaixo dos pontos de vista teorico, pratico, nautico, musical, excentrico, setubalense.

Entregue esta secção a uma alta competencia no assunto, que já tem dado as suas provas nos jornais da especialidade, dirigidos pelas grandes autoridades portuguezas em materia de automobilismo, nós esperamos que ela terá o melhor acolhimento por todos os automobilistas.

derão aprender as mais proveitosas lições e os mais sabios ensinamentos.

CAPITULO I

Origens do automovel

Ha quem atribua ao francez Cugnot a invenção do primeiro automovel. E' um puro engano.

Existem provas absolutas de que foi Noé o primeiro automobilista do mundo.

Refere-se a Biblia aos cavalos, burrinhos, macacos, borboletas, lagartos, cisnes, galos, etc., etc., que havia na arca.

Ora esta enumeração é nem mais nem menos do que a das peças dum automovel:

Os *cavalos* são, indiscutivelmente, os HP. do motor;

Os *burrinhos*, os elevadores da gasolina, assim conhecidos na industria;

A *borboleta* é, como se sabe, a válvula que regula a admissão do gas;

Os *macacos* são as ferramentas de levantar o carro e completos, nem lhe faltando o respectivo rabo;

Os *cisnes* são aqueles cujos colos se encontram na *suspensão*;

Finalmente, os *lagartos* são, sem motivo de duvida, as ferragens da capota, pois ninguem ha que desconheça essa denominação e a sua função de estender e encolher, como qualquer lagarto que se presa, conforme faça sol ou chuva.

Chegamos, por consequencia, ás seguintes conclusões:

1.º—Que o descobridor do automovel foi N. O. E.

2.º—Que estas iniciais querem dizer: *Novo-Otomovel-Eletrico*.

3.º—Que o veiculo fabricado por Noé tinha as seguintes caracteristicas mecanicas: «Automovel NOE, tipo torpedo-*arca*, 7 lugares (Noe, mulher e filhos), 2 HP. (um cavallo e uma égua—para efeitos de medição pela formula do A. C. P. são equivalentes), alimentação do gazolina por pressão com *burrinho* elevador, molas semelpticas com colo de *cisne*: capota desmontavel com *lagarto* articulado, entregue com a ferramenta completa *macaco* compreendido, por via maritima C. I. F. Tejo, preço em *dollars*, ao cambio do dia do diluvio».

4.º—A marca ou simbolo da fabrica está tambem perfeitamente reconhecida pelos sinais deixados, era da marca-Galo.

Bou-Valet — Strop.
Engenheiros.

Dr. Joaquim Manso



Deus criou o dia e o dr. Joaquim Manso criou a Semana... dos Artistas



O menino prodigio

O Arnestinho era um menino amarelento de oito anos, cuja inteligencia e afabilidade dava que falar aos conhecimentos da familia, que dizia á boca cheia que o seu menino era um prodigio, um menino portento, sem vergonha de ninguem. Um dia, a familia do Arnestinho, tinha convidado para jantar um major das suas relações que ha muito não via e a quem desejava obsequiar.

Apenas chegado o convidado, começaram todos a traçar o mais convenientemente possível — como era do habito! — o elogio do seu *enfant prodige*. E foi chamado o menino para que entretivesse o major com os seus ditos chistosos, com as suas frases e juizos acertados, proprios duma pessoa adulta e com os versos que costumava recitar nas *sociedades*, até que a criada puzesse o jantar na mesa.

Mas — caso estranho — o menino prodigio dos gremios, das reuniões em casa das manas Pires, nesse dia, não dava uma para a caixa...

A familia começou a increpá-lo asperamente:

—Menino, diga alguma coisa a este senhor.

—Arnestinho, conversa como costumam, diz qualquer coisa! — dizia a mãe.

—Arnestinho, tale! não seja malcriado nem estúpido! Diga alguma coisa ao sr. major! — concluiu o pai.

O major, complacente, arrematava: —O menino naturalmente está envergonhado.

—Quall! Ele não estranha ninguem — faziam todos em côro.

O Arnestinho, por mais que fizessem, nada dizia. Estava tudo embuchado.

Então, o pai, dando-lhe um aperto num braço até fazer doer, intimo:

—Vamos, diga seja o que fór...

E o Arnestinho, o menino prodigio, com um ar muito encarneirado, ciciou:

—Retroz preto, sr. major, retroz preto, pronto, já disse alguma coisa.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rue Pascoal de Melo, 69

Telefone Nertia 5582 (4 Estofania)



—E dizem elles que as mulheres tiram o emprego aos homens. Antes pelo contrario.

O "SEMPRE FIXE" daqui a 50 anos

Do «Sempre Fixe» de quinta-feira, 9 de Fevereiro de 1878

A SEMANA DOS CRIADOS DE CAFÉ. — Decorreu animadíssima a «Semana dos Criados de Café», tendo-se representado nos varios teatros da capital peças cheias de graça e de imprevisto, que justificaram bem o exito das bilheteiras e plenamente satisfizeram o publico.

Na segunda feira, primeiro dia da simpatica festa, representaram no teatro Nacional os criados do Martinho a deliciosa farça «Agonia dum Café» ou «A Fuga das Mósas».

Na terça-feira, no Trindade, subiu á scena a pochade fantasia «No antro do genio», cuja acção decorre na «Brasileira» do Chiado.

Quarta-feira, o Eden abarrotava de publico ancioso por assistir á revista «Onde elas se fazem», em que os criados da «Chave de Ouro» e da «Brasileira» do Rossio foram impagáveis de graça.

Na quinta-feira, coube a vez ao teatro de S. Luís, onde, num scenario representando o «Café Chiado», se representou a «Ceia dos Cardiais» e a bluette «Dantes assim que pior». Exitos retumbantes.

Sexta-feira, foi no Politeama que se reuniu tudo o que ha de mais selecto na sociedade lisboeta. Subiu á scena a fantasia do grande espectáculo «Os palcos por dentro» em dois actos. O primeiro passa-se na «Chica» e o segundo na «Abadia».

No sabado, no Gimnasio, representou-se a tragedia «Adeus, Saavedra», em que a aparição do espectro do Zé Diégues causou delicias na assistência feminina.

Finalmente, no domingo, coube a vez ao Coliseu com um espectáculo aerobatico, mimico e musical, em que o numero mais aplaudido foi a farça mimica «A gorgeta». Um criado do «Italia» apresentou uma matilha de cães amestrados e outro do «Nacional» fez jogos malabares com chaves, colheres, assucareiros, mesas, etc., sem partir nada.



—Um bom soldado deve estar sempre disposto a morrer pela patria. Ainda com perigo da propria vida.

A electrificação da policia Elevador da Gloria

Talvez para suprir a escassez e o reduzido interesse dos espectaculos publicos, a policia de transito tem sido infatigavel, fornecendo-nos constantes atracções. Principalmente na Avenida não se tem poupado a esforços para nos apresentar sempre numeros de grande efeito.

Tivemos o policia na grelha da Praça dos Restauradores e surge agora o policia luminoso da rua das Pretas.

Foi bem escolhido o local. Assim podem vêr-se as pretas de varias cores.

Como as estrelas de revista, os sinaleiros agora só trabalham sob focos luminosos e belos efeitos de luz.

Um sinaleiro nocturno é quasi uma apoteose, um final d'acto.

Sobre a alvura da terrina de louça de Sacavem, que lhes resguarda o craneo das intemperies hibernas, reflectem-se numa «feerie» os raios luminosos de variegadas cores, e tão depressa vemos um guarda vermelho, como o vemos amarelo de cera, depois azul, depois branco e por vezes preto, quando falta a corrente da Companhia.

O sinaleiro do farol da rua das Pretas, tendo de olhar para todas as direcções agarrado aos comutadores, deve sempre vêr-se azul, apesar das mutações luminosas que projecta.

O que é certo é que é um numero de efeito e tem sempre uma grande concorrência. Como qualquer «divette» de revista, tem sempre numerosos admiradores.

Quando foi da «première», entrou também em scena o comandante; o efeito era então suprendente; os raios vermelhos e azulados, incidindo sobre os apendices capilares do illustre chefe, davam-nos a magica impressão de que tão depressa nos apparecia o satanaz, como o barba azul.

Seriam também interessantes, para tão variados efeitos luminosos, umas gazes coladas ao uniforme, podendo os sinaleiros regular o transito pelos movimentos ritimicos, usados na dança serpentina.

E dado o successo que assim mesmo já tem tido, é licito prever que, pe-

rante esse novo atractivo, a lotação das esquinas proximas se esgotaria.

Com varias filas de cadeiras nas imediações e nos passeios mais proximos, seria até uma fonte de receita.

Porque estes numeros devem ser dispendiosos, tanto mais que nos estão dando constantes novidades.

Os sinaleiros, como as estrelas de revista, andam sempre a mudar de guarda-roupa.

A «mise-en-scène» passa também por contínuas mutações, para não fatigar o publico e não se perder o interesse por semelhantes espectaculos.

O policia na grelha ainda deu bastantes representações. Mas com a luz debaixo dos pés, ficava o policia na sombra e não tinha o mesmo interesse.

De resto, era um paradoxo; não podia comprehender-se um policia posto á sombra. Em conclusão, só devemos louvar a policia por este genero de diversões pblicas. É certo que estes sinaleiros não servem para regular, mas sim para complicar o transito, pelo grande numero de curruícos que se juntam á sua volta.

Mas devemos confessar que, dada a falta de espectaculos interessantes e accessiveis, nos dão assim o ensejo de passar um bocado da noite distraídos, num divertimento de belo efeito e ao alcance de todas as bolsas.

E, se em lugar dos apitos, começarem a adoptar o jazz-band, ou pelo menos uma grafonola, teremos então ouro sobre azul, sobre o azul do farol regulador.

Agrada-nos esta febre de progresso que atacou as esferas policiais.

Tanto mais que a electrificação se vai tornando extensiva a toda a policia, o que trará optimos resultados de futuro.

Assim os policias das muitas já andam também movidos a electricidade; e são já muito productivos: d'zenas de multas á hora. Não admira.

São accionados por corrente de alta tensão.

De alta tenção de enervar o proximo seja como for.

A. C.

Ha pouco tempo, na America, um jornal que é um colosso resolveu colleccionar as censuras dos seus assiduos leitores, chegando a conclusões deveras interessantes, que aqui resumimos:

Editar um diario é a coisa mais divertida.

Se o tipo é miúdo, não se pode lêr.

Se é graúdo, não tem leitura.

Se trata de politica, é intrujão.

Se não trata, é insípido.

Se desenvolve a telegrafia, é m'entrosado.

Se não desenvolve, é noticioso.

Se é chistoso, não é sério.

Se não é, está escrito para estatuas de pedra.

Se é original e ligeiro, é superficial.

Se é profundo, não tem graça nenhuma.

Se noticia reuniões politicas e parlamentares, faz politico.

Se não noticia, é inutil.

Se não tem secção biografica, é faccioso.

Se não tem, não aprecia os homens publicos.

Se interessa as senhoras, é jornal de mulheres.

Se interessa os homens, é jornal de homens.

Se é caro, explora.

Se é barato, não presta.

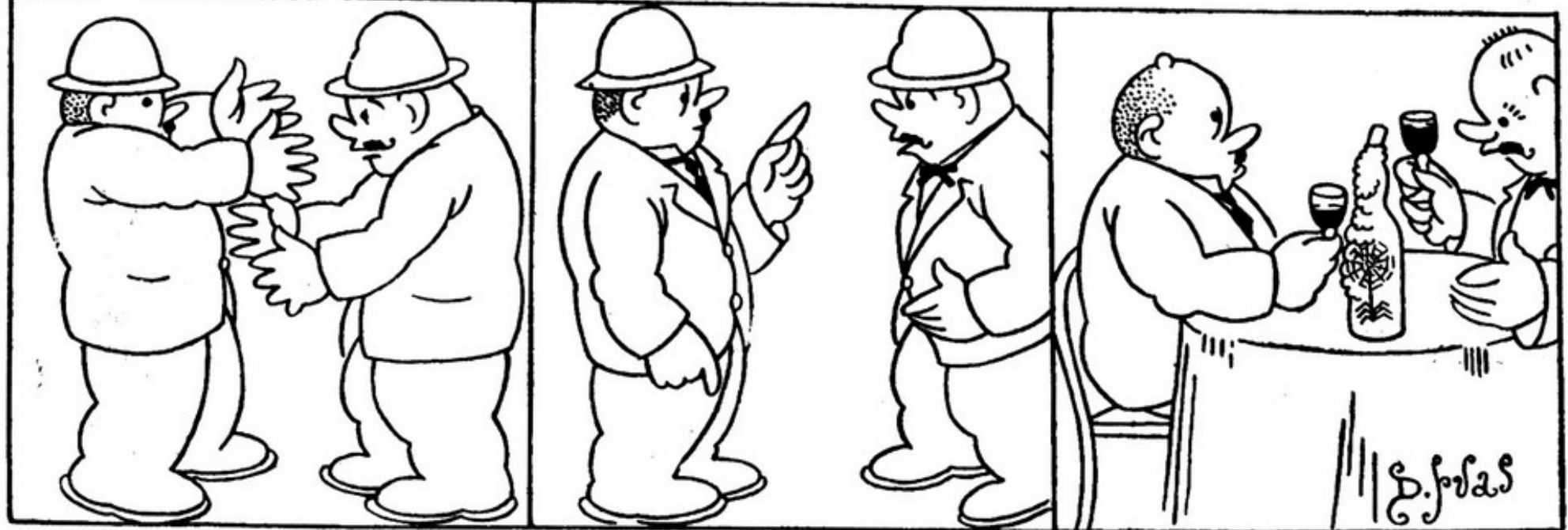
Se o director vai á igreja, é retrógrado.

Se não vai, não tem consciencia.

E por aqui fóra.

Está tudo muito certo. Concordamos inteiramente. Foi para obviar estes e todos os outros inconvenientes que nasceu o Sempre Fixe e ele se fixou no espirito e nas algibeiras do leitor — sem fazer peso. É tão leve como uma mortalha. Até o podem levar no caixão... Pode ser, o que não acreditamos, que não se leia no outro mundo. Mas cá neste — é o que se sabe...

—O' minha senhora, é preciso um portador para lhe levar o marido?...



—Oh! meu grande amigo, ha quanto tempo não tenho o prazer de te vêr!
—Ha quanto tempo!...

—Vai amanhã jantar comigo para provares um vinho que eu lá tenho, mais velho que nós dois juntos.

—Que te parece? Tem mais de cem anos!
—Ninguem diz a idade que tem.

BOM HUMOR

Numa escola de equitação:
O cavaleiro:—Pago adiantado? Julga, por acaso, que volto sem o cavalo?
—O que eu receio é que o cavalo volte sem o senhor...

* * *

—O meu filho enguliu ontem uma libra!
—Levo-o já ao banco: pode ser que ali renda alguma coisa...

* * *

Ela:—Nem sequer serve para vêr quando o menino chora.
Ele:—Então, não sirvo. Começou a chorar às seis horas em ponto...

* * *

—Porque fazes vibrar o despertador todos os cinco minutos?
—Para os vizinhos julgarem que temos telefone...

* * *

—O' Maria, então tu deste cincoenta mil réis por um bife de cavalo?
—Dei porque o talheiro me disse que o cavalo tinha ganho o primeiro premio das corridas...

* * *

No restaurante:
—Se esse tipo que te bateu me dá uma bofetada, dou cabo dele?
—Homem, não te apoquentes. Lembra-te que lhe tirei o relógio e a carteira...

* * *

—E' verdade que o senhor, no seu jornal, disse que eu era um canalha, um mentiroso, um desavergonhado.
—Impossível, meu amigo: no meu jornal só se publicam noticias da ultima hora...

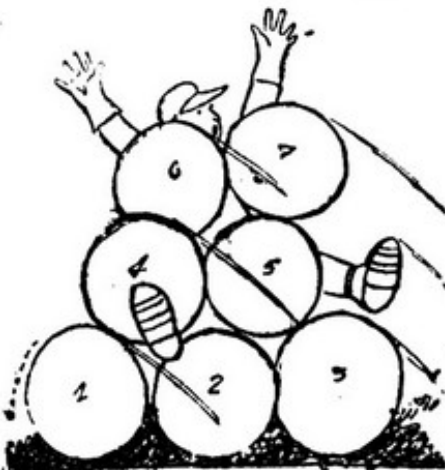
* * *

—Papá, onde é que ponho o retrato do meu noivo para o tor sempre deante dos olhos?
—No teu espelho, filha!

* * *

—Quem havia de dizer que este rapaz vinha dar em acrobata.
—Mas toda a gente. Já em pequeno se sabia que ele era um desequilibrado...

Sisko e bolas



Sêto escarrapachêto... de'xa... entrar até a tripa arrebrantar...



—Console-se, porque o preto ficou muito bem.

Impressões sobre o bom-humor

O bom humor, ou por outra, o humor, é uma doença de caracter benigno e de difficil ontagio.

Ele encontra-se em hostias, em fasciculos, engarrafado, em cálices ou em forma de politico.

Para se ser humorista, basta apenas adquirir bom humor. Para se ser humoristico basta ter uma cara indecente e que provoque o riso.

Após batantes anos de estudo, consegui encontrar a receita pratica para um individuo se dedicar ao humorismo, arte esta que, se não dá dinheiro a quem a cultiva, pode ocasionar uma tarçia estilizada em cavalo-marinho! Um parentesis:

(Existem diversos cavalos; os marinhos são uns engraçados animaisinhos aquaticos que teem o pessimo costume de nadarem nas nossas costas...)

Feita a descrição rapida do bom-humor, resta-me aconselhar aos leitores inacessiveis a possuirem tal doença a fórma pratica e eficaz de ensinarem a seus filhos a arte de fazer rir todo aquele que não tem nada que fazer.

O leitor pega no seu encantador o robusto filho (e faço esta afirmação pela simples razão de ter vindo na oronica mundana dos periodicos que ele nascera encantador e robusto!), agita-o com violencia e atira-o para dentro dum dos lagos do Rossio. Em seguida, enxuga-o no forno crematorio do dr. Alfredo Guizado e obriga-o a digerir quatro *Duários do Governo* da 1.ª serie do ano de 1906.

Se o garoto não morrer intoxicado, o que seria naturalissimo, leva-o ao teatro São Luis a ouvir uma conferencia do sr. Cunha Leal que, como

do costume, dissertará sobre a decantada questão do Emprestimo... sobre Penhor. Se a criança não desatar a rir á gargalhada, leva-o á Aldeia dos Macacos para ele se certificar se existe alguma analogia entre o macaco mais velho e o seu Pai. No dia seguinte, dará a lêr á criança algumas obras de Judite Teixeira e Julio Dantas, os mais humoristicos de todos os escritores... da geração que passou.

Se o garoto não sorrir após a leitura, então o leitor convencer-se-ha que, ou ele é tarado ou então uma grandissima cavaladura! Nestas circunstancias, pode limpar as mãos á parede pela linda obra que fez.

Se sorrir, compra-lhe um telefone e explica-lhe o que vem a ser o novo regime das chamadas. O efeito será surpreendente: ou morre Hamleticamente ou fica transformado em humorista!!

No caso de succeder tal hipotese, o leitor comprar-lhe-ha meio cento de lapis e uma tonelada do papel nacional. Aconselho-o a não comprar estrangeiro, pois que, com os novos impostos alfandegarios, adquiri-lo-ha a preço tão exorbitante que o seu desditoso filho recorrerá ao suicidio.

O suicidio, neste caso, será o casamento. E o desgraçado não poderia resistir se fôsse premiado com uma sogra de cabelinho na venta.

E se ele se suicidasse, o leitor perderia um estremoso filho, os jornais perderiam espaço em noticiar o acontecimento, o Humorismo perderia um dos seus melhores elementos e eu teria perdido o tempo a dar conselhos!!

Recix.



—Macacos me mordam se eu percebo para que é que andam tantos palermas sempre a pensar nas quedas d'agua. Para que diabo serve aquilo?!...



Esta vida são dois dias, e em dois dias é absolutamente impossivel visionar — para me servir dum tam lindo e usado termo — todas as fitas com que as empresas gastam as telas dos salões. Não se admirem pois as gentilissimas leitoras que me escrevem, chorosas, lastimando-se da minha falta de pontualidade. Sem o vosso precioso auxilio é-me absolutamente impossivel cumprir á risca a genésica ordem:—crescei e multiplicai-vos!, e só multiplicando-me poderia ter ido, a tempo e horas...

... ao Tivoli, vêr *Gente de bom tom*, o que nada tem de extraordinario no super-elegante cinema, principalmente quando se exhibe uma *super-gigante*, do super-alugador Castelo Lopes, com super-legendas do Carlos Zbreu; vêr depois do *Sinal de Zorro*, D. X., *filho do Dito*, enquanto o Douglas se não decide a fazer, D. Y., *neto do Zorro*, D. Z., *bisneto do Zorro*, etc., sucessivamente piores; vêr programas de pernas para o ar, com o *Moana* na geral e *Picados á ultima moda* na tribuna, quando nem na cosinha estava bem; vêr o brejeiro do Yvan *Canora*, com dose triplicada de *matinées* para menores de 69 anos;

... ao Odéon, vêr Eleanor Boardman, *Rainha da Beleza*, e Norma Shearer, *Escrava da Moda*, enquanto Charles Ray e William Haines, respectivamente, *reinam* — todos sabem que Ray é reinado — e se *escrevem*, eternamente rodeados pela tropa fandanga do costume, que transforma a Metro em *A...to*; enurdecer com *A Grande Parada*, que os jornais afirmam ser uma das mais formidaveis manifestações da *arte do silencio*... depois de ter levado na grande bicha muita coisa parecida;

... ao Politeama, vêr o Tom Mix, numa grande *misturada*, a que chamam *Dick Turpin*, que nada tem que vêr com a Uroturpina, e que, talvez por ser da *Fox*, apanhou uma *raposa* no exame critico; o André Roanro a aturar *Caprichos de Mulher*, á Dolly Grey, o que ele faz na perfeição, devido ao treino com a Raquel Meller; Priscilla Dean, por alcunha *A Seresma de Sevilla* — comprometedoras galhas, — numa comprida fita de touros a pedir cortes e cortes e que, entre outras sortes, apresenta uma pega entre a Priscilla e a Claire de Lorez, que não sabemos ser de cernelha, de rabo ou de cara, pois vimos de tudo ás suas antagonistas, principalmente... a cara. Só *corrida*... Agora, compensando o visinho Odéon, tudo é *Silencio*, duas horas de silencio em homenagem aos grandes desaparecidos de *Kentigsmark*: Georges Vaultier, Vermoye, e o apelido da Huguette. O protagonista é o H. B. Warner, que tambem é *O Rei dos Reis*. Quando ele vier, para a Quaresma, já no nos convençe, pois todos conhecemos do ginjeira o presidiario de Rupert Julian;

... ao Olympia, revêr *O homem-mesca* e *O querido de todas*, depois dum *Paris!... Paris!*... excelente e dum *Tenente de Marinha*, homenagem á esquadra inglesa, que é ainda uma fita de agua doce, para lhe não chamar bolacha de agua e sal, sem referencia a *Quando o amor nasce*, amor que foi decerto tirado a ferros, pois nasceu já com cabelos brancos; receber, da parte de Bebe Daniels, *Um beijo num taxi*... palhinha, já que não podemos recebê-lo por boca propria; da parte de Cecil de Mille, outra lição de moral, de scenografica docura, além de outras amostras sem valor que vieram pelo correio;

... ao Central, vêr *A duquesa das Folias Brejeiras*, *O protegido de Fred*, *A nova telegrafista*, *Ele ou Ela?*, *A tia Ramona*, *Penculo na Guerra*, *Adeus Juventude* e muitos etc.

Como veem, é muita coisa para um homem só, principalmente havendo que ter graça. Ora, em ano de Olimpíadas, as *piadas* desan'am todas para Amsterdão, deixando as *Fitas* no lamentavel estado de *desgraça* em que V. Ex.ª as têm.

Retardador.



O que se diz e o que se não deve dizer...

O MISTERIOSO TELEGRAMA

Houve, no domingo passado, um match de foot-ball entre as equipas das cidades de Lisboa e Jorto.

Foram—num desafio só—duas tragédias...

Uma tragédia para o Porto...

E uma outra tragédia para o trio de halcees-backs suplentes de Lisboa, que fizeram uma ampla demonstração de falta de calçado...

Quando começou o jogo, estava em organização, na Praça da Batalha, uma grande marcha *our-flambeaux*.

Entretanto, o placard de *O Seculo* ia fazendo das suas.

Lisboa ganha por 1-0.

Lisboa ganha por 2-0.

Lisboa ganha por 3-0.

Lisboa ganha por 4-0.

Lisboa ganha por 5-0.

Nesta altura desapareceram os flambeaux...

Lisboa ganha por 5-1.

Lisboa ganha por 5-2.

Tornaram a aparecer os flambeaux.

Intervalo para comprar fósforos.

Segunda parte: Lisboa ganha por match.

6-2. Lisboa ganha por 7-2. Acabou o

E acabaram também os flambeaux...

Note-se que, neste jogo inter-cidades, os placards dos grandes diários matutinos desempenharam papeis importantes e variados.

Assim, no Rossio, o placard do *Noticias* descrevia a marcação dum ponto, textualmente como segue:

«Após um grande embate entre as duas linhas que jogam, Lisboa conseguiu marcar um goal.»

E' caso para dizer: — «Após um grande embate entre o cerebro e os pés, o informador conseguiu marcar uma burrice...»

Após uma dolorosa e prolongada agonia, faleceu: a ida dum *scrutch* português ao Brasil.

Em virtude do estado em que se encontram o Eduardo Luis, os jogadores e o Candido de Oliveira, cessaram todos os convites especiais...

A proposito da maledicta viagem ao Brasil, muito se fala num já celebre e misterioso telegrama.

Nenhum jornal se tem referido ao melindroso assunto. Ou antes: nenhum jornal se tem podido referir ao melindroso assunto, porque a isso se opõem altos Deuses...

Mas o telegrama circula por todas as mãos e não ha personalidade de categoria no meio que não exhiba uma copia autentica do conteúdo.

Sine pecuni anon habet geringonça



Os contratadores, reconhecendo que o Bemfica tornou o torneio mais interessante, resolvem erigir-lhe esta memoria.

O *Sempre Fize* também tem copia autentica — consideravelmente mais autentica mesmo do que o famoso documento dos *painteiros*. Resa assim:

«O club X. P. T. O.—o unico que em Portugal tem a sua desorganisação perfeitamente organizada—aplau-de de tal forma a ida dum grupo ao Brasil que se atreve a solicitar um convite especial para o seu team e mais rapaziada rasteira que muito desejaria acompanhá-lo.»

(a) BOTOUDO.

Secretario da embaizada da Patagonia.»

Deve coincidir com a saída deste numero do *Sempre Fize* a abertura da exposição dos novos automoveis Ford. Reservamos para a semana a reportagem de tão sensacional acontecimento automobilista.

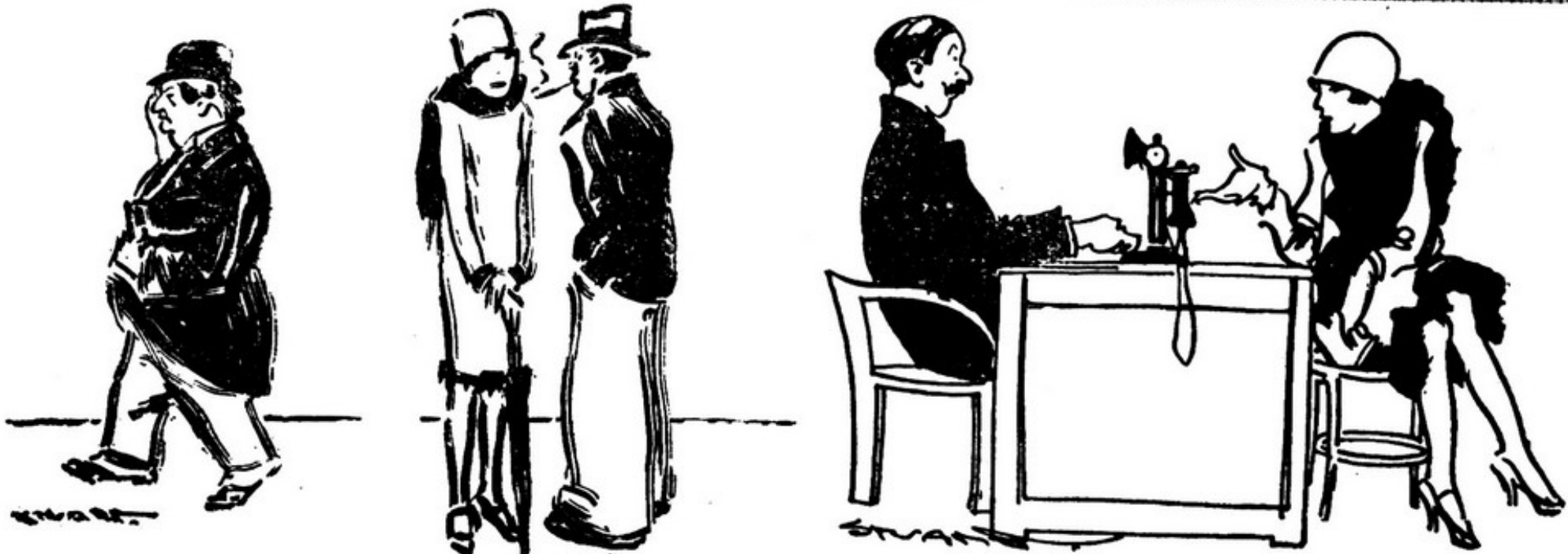
Em todo o caso, sabe-se já, pelos grandes anuncios publicados em varios jornais, que o novo modelo A constitue uma autentica revelação para a industria de carros.

Tudo nele são novidades e inovações verdadeiramente revolucionarias. Assim, o novo Ford tem todas estas coisas novas e absolutamente espantosas

Tem um motor com quatro cilindros, tem uma mudança de velocidades, tem uma embraiagem, tem quatro rodas e travões respectivos, tem inflamação, tem guarda-lamas, tem farois e tem molas! E tem ainda mais esta particularidade notabilissima: a de poder ser pintado de varias cores, desde o azul niagara até ao castanho gris!!!

Contra tão extraordinarias inovações, os vendedores e agentes de outras marcas só tem um recurso suicidarem-se!

Rebola-A-Bola.



— Então não sabes quem é?
— Eu não.
— E' o Freire... Cravador.

— Calcule V. Ex. que o patife descompôs-me de tal maneira que fiquei nua, eu que, como corista, só me ponho nua para o publico.

UM "SETE E MEIO,, QUE NUNCA REBENTA

SEMPRE **fixe**

